





# LEITURAS LUSÓFONAS

Pequena bibliografia  
customizada

*José Guilherme Correa*



Copyright © José Guilherme Correa

2019

2a. edição

Obra protegida pela Lei de Direito Autoral de número  
9610/98. Fica proibida reprodução sem prévia  
autorização do Autor.



No poema "Brisa marinha" Mallarmé escreve: "A carne é triste, *hélas!* e tenho lido todos os livros."

Há séculos, autores de todos os gêneros vêm criando livros em língua portuguesa que - na melhor hipótese - enriquecem nossas vidas e - e na pior - bem, tempo perdido raramente costuma ser reembolsado. Fato é que, em vista de nosso limitado tempo neste planeta e dos milhões de livros aqui escritos, não temos tempo para ler todos os clássicos - sem falar nos que dificilmente se qualificam como clássicos genuínos, isto é, fora da sinonímia que a grande mídia empresta a esse vocábulo ("mortos", "antigos"). Mark Twain: "Um clássico é um livro que todos gostariam de ter lido e nenhum quer ler". Flaubert perguntava: Pode-se imaginar algo mais estúpido do que eliminar as assonâncias de uma frase ou as repetições de uma página? Para que? Mas, mesmo quando o livro tem êxito, o sucesso nunca é do tipo que se quer. Foram os trechos burlescos de Madame Bovary que fizeram do romance um sucesso. O sucesso erra sempre de longe o alvo. Quanto ao estilo, quantos leitores o desfrutam e apreciam? E o estilo é o que nos distingue, pois quem não é a favor dos clássicos? Só que, na realidade, ninguém lê os clássicos!"

Ler tudo é simplesmente impossível. O número de livros que há hoje no mundo e seu crescimento são esmagadores. Mas ler, *tout court*, é sempre uma maravilha. Quem lê conhece mais, portanto exige mais, ganha mais autoridade de *expert* e eventualmente passa a ser lido além de ler, e a merecer atenção. Se é impossível

dar atenção a todo autor publicado, este último pode entretanto alcançar um universo próprio de "leitores naturais": leitores interessados na sua linguagem, no seu assunto e na sua criação. O mundo seria menos imperfeito se todas as obras - de boa qualidade, bem entendido - fossem encontráveis com facilidade e lidas com atenção.

Na biblioteca do filósofo Jacques Derrida, um entrevistador lhe pergunta: "O senhor já leu todos esses livros?" Não, ele responde. "Mas leu a maioria?" "Não, não", diz Derrida, "li três ou quatro, mas li-os bastante direitinho." É uma piada, aliás de espírito derridiano, mas, falando a sério, quem leu todos os livros que possuiu, possui, sonhou possuir ou tomou emprestado? Obviamente ninguém. No entanto, a crítica cultural se comporta como se não existisse diferença entre comprar livros e lê-los.

Explicando porque os ingleses, durante a 2a. Guerra Mundial, se voltaram para a leitura de "brutais e sórdidos" romances policiais americanos, George Orwell aduziu que 'pulp fiction' sempre oferece "uma versão destilada do cenário político". O homem médio, propôs ele, "quer que os problemas do mundo se traduzam numa história simples sobre gente comum". E a teoria orwelliana parece atual, em pleno século XXI: entre os livros mais retirados de bibliotecas, quase dois terços são romances policiais ou de suspense, incluindo gêneros correlatos, como p.ex. a atual moda de histórias carregadas de vampiros.

Para Alexandre Dumas, quem lia sabia muito, e

quem observava sabia ainda mais. OK. Prefiro ser rotulado como observador-ledor do que como um emblemático rato de biblioteca. Todos temos certamente gostos diferentes e interesses particulares, tornando-se uma redundância ler livros que não nos despertem o interesse nem, com licença, a palatabilidade. A leitura libera. Transporta o leitor do concreto livro à abstrata absorção, ora a um mundo de fantasia, que é fabulação anedótica sem conexão direta com a vida real, ora à própria identidade, apreensão do eu e da vida interior.

Bem, realmente não li nem a metade dos livros que vale a pena ler. Também não sinto vergonha em reconhecer que alguns dos pontos de vista aqui expressos estão na contramão da unanimidade, do consenso e da aclamação vinda dos que chamo de *burocráticos* - os quais aparentam conhecer todas as obras, da capa à contracapa. Lembro, pois, que estas opiniões são estritas visões e sentimentos pessoais, vale dizer: minha experiência de vida e leitura resultante das indagações que tenho feito. Não costumo decorar versos eloquentes nem as frases mais originais de cada autor, hoje *googláveis* com facilidade. Não passo, como Drummond de Andrade, de "um eu todo retorcido" que ama ler e escrever, que admira o admirável e que defende o defensável sempre que amigos mais 'científicos' os atacam por não estarem na moda ou não serem práticos, relevantes ou politicamente corretos. A listologia que se segue funciona, pois, como um mero repositório de experiências, emoções e reações estéticas. Quanto à ordem: sinaliza julgamentos; pretende-se preferencial.



1.

História da literatura ocidental, de Otto Maria Carpeaux  
editora: O Cruzeiro, 1964, 1ª edição. Volumes I-VI.  
Brochura. 3.012 páginas

Os quase 78 anos vividos pelo austríaco de nascimento Otto Karpfen parecem insuficientes para a extraordinária quantidade de livros essenciais que ele assinou como Carpeaux. Só a hercúlea façanha de uma obra de referência como esta, com a qual nada rivaliza intelectualmente, lhe assegura um lugar em qualquer panteão. Sua pesquisa prima pela erudição, pela precisão e pela clareza com que a plasma em opinião crítica. Carpeaux foi um dos mais importantes intelectuais do século passado. Sua metodologia, gosto sofisticado e sensibilidade eclética são ainda hoje extremamente valiosos. Representam a contramão de um *establishment* cultural onde tanto a historiografia quanto a crítica literária são em geral governadas por estruturalistas, pós-estruturalistas, desconstrucionistas, e, naturalmente, marxistas e outros destrucionistas; onde o estatuto de ensaística é outorgado até aos mais febris textos de autoajuda.

2.

Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa  
Editora: José Olympio, 1956, 1ª edição, capa de Poty. 594  
páginas.

Riobaldo, um jagunço, erra pelas Gerais do interior brasileiro enquanto narra a um ouvinte desconhecido a história de sua vida e seu grande amor.

Parece um homem simples, mas esta impressão é enganosa. Tem levado, no cangaço, uma existência de desafios, confrontos e confianças traídas, tudo marcado por uma amizade platônica, por um amor reprimido e baldado, por último, pelo Tinhoso em pessoa. (O título da tradução inglesa - "The Devil to Pay in the Backlands" - alude já diretamente, na forma de expressão idiomática, ao Canhoto, que, aliás, é citado desta e doutras formas ao longo de todo o romance) A linguagem não é fácil para os não-iniciados. Rosa usa palavras porta-valises, coloquialismos regionais e abundantes repetições, sem esquecer que o texto todo consiste num grande monólogo. Lido com garra, ele nos agarra. Lido por obrigação, pode causar irritação. Pessoalmente, li em quatro ou cinco dias. Rosa é uma espécie de James Joyce brasileiro. Suas inovações linguísticas e a maravilhosa saga de Riobaldo perfazem um dos melhores livros de todos os tempos. Como Fausto e outros famosos, Riobaldo é personagem em busca de respostas e do sentido existencial. O texto mistura epopeia, drama, guerra civil, cangaço e sexualidade. De certa forma, mudou-me virtualmente a vida, influenciando meus incipientes aprendizados de fabulista. Não bastasse, ele renovou meu afeto pelas aventuras épicas: é uma das melhores. Aprende-se mais sobre a essência brasilianista do que mergulhando, p.ex., nos dois supremos anti-papas da brasilidade, Paulo I (Freire) e Paulo II (Coelho). Sua inventividade é auto-explicativa para quem não se deixa alienar pelo barroquismo. Seu título alude à zona da mata sertaneja do centro-leste brasileiro; no caso do

partitivo 'veredas', às correntes fluviais com margens arborizadas encontradas nas partes mais úmidas daquelas regiões; no sentido figurado, a uma terra mítica (esta sim, em transe!) "sem rei nem lei", onde as liberdades são restritas: onde o território é dominado por jagunços, mercenários montados a soldo de fazendeiros ou políticos; ou por simples bandidos que, na vida real, vagaram pelas veredas do grande sertão do final do século XIX aos anos 1930s e 1940s. Sua idealização da robustez agreste retrata uma rígida sub-cultura telúrica, violenta e coronelista, tema esse subjacente ao tema central do caso de amor/amizade em meio a obsessivas ciladas aprontadas pelo Demo "no meio do redemunho". Viver entre Deus e o Diabo é muito perigoso, neste clássico absoluto. [cabe aqui um "warning - spoilers ahead!" ou seja "aviso - estrago da festa à frente!"] Quem quer que não tenha assistido a uma das versões para o cinema ou TV prepare-se para uma surpresa final.

3.

Os Lusíadas, de Luís de Camões

University of Michigan Library (Portuguese Edition, 1881), brochura, 316 páginas

O renascimento literário atingiu o ápice em Portugal durante o período conhecido como Classicismo, entre 1527 e 1580. Coube a Camões aperfeiçoar as novas técnicas poéticas e criar, de um lado, poemas líricos que superam de longe a pioneira perfeição formal de Petrarca, de outro o poema épico por excelência, Os Lusíadas, que, imitando Homero e Virgílio, traduz em